

FONTE : O Liberal

CLASS. : 217

DATA : 25.8.83

Lucio Flavio Pinto

4468 O fascínio do ouro

Nos dois desabamentos ocorridos em Serra Pelada, entre julho e esta semana, 23 pessoas morreram e 89 ficaram feridas. A garimpagem na área tornou-se, assim, uma atividade com alto grau de risco. Mesmo assim, insensíveis a esse lado trágico e dramático do garimpo, seus defensores querem a manutenção da atual Serra Pelada por tempo indefinido, enquanto ouro houver — ou, pelo menos, mantiverem-se acesas as chamas da esperança e da ilusão.

Serra Pelada é, hoje, um buraco com 1.200 metros de diâmetro e 40 ou 50 metros de profundidade. Ali dentro, em três mil "catas" (lotes de mineração com dois por três metros, em média), de 40 a 50 mil homens trabalhavam (até ocorrerem os desmoronamentos), escavando ainda mais o chão, carregando terra, lavando cascalho. Trabalho que começa quando surgem os primeiros raios de luz e não termina, para muitos, nem mesmo quando tudo fica escuro porque sempre há pessoas jogadas sobre montes de cascalho para impedir a ação dos usurpadores.

O fundo das "catas", situado já abaixo dos cursos d'água ao redor, está quase sempre submerso. É preciso deixar em funcionamento ininterrupto uma bomba (agora são duas) para esgotar a água e assim permitir a continuidade dos trabalhos. A chuva traz consigo a ameaça de desmoronamento. O sol estimula a poeira, que impregna tudo, penetrando pelas vias respiratórias até inocular doença nos pulmões, causando assim a mais grave doença de Serra Pelada, lado a lado com as endemias carenciais. Para a massa de garimpeiros, todo esse sacrifício será retribuído com um salário-mínimo e seqüelas irreversíveis.

É, certamente, um quadro dantesco. Mas com ele convive um prisma luminoso e irresistível. Na véspera do desmoronamento de terça-feira, foram pagos 4,2 bilhões de cruzeiros pelos 360 quilos entregues pelos garimpeiros, 12 vezes mais do que arrecada o Estado diariamente. Dividida essa renda pelo número de garimpeiros, daria 120 mil cruzeiros para cada garimpeiro por dia. Mas as estatísticas provam que não há essa repartição: mais de 81% do ouro vendido pertence a menos de 5% dos "garimpeiros".

Aparentemente, o garimpo continua sendo uma loteria e qualquer um pode ganhar. Na prática, porém, não é isso o que acontece. O filão acabou sendo cercado pelos "capitalistas", como são conhecidos os agentes do financiamento. Mais de 70% dos garimpeiros não controlam a sua atividade: o endividamento transformou-se em "meias-praças", nos casos mais benignos, ou em assalariados sem registro trabalhista e sem vantagens previdenciárias, condenados ao desgaste e posterior descarte.

De fato, eles estão encontrando muito ouro. Mas também estão desperdiçando-no: os técnicos calculam que de 40 a 50% do metal perde-se devido aos métodos rudimentares e predatórios que são utilizados. É ouro que poderia estar sendo incorporado à riqueza nacional. Mas os beneficiários não estão muito preocupados com essa perda porque a jazida é rica demais. E também porque o custo de extração é muito inferior ao que precisariam assumir se fossem obrigados a desenvolver uma atividade regular.

Essas considerações, no entanto, são esquecidas pelos que falam em nome do garimpo preocupados mais com os benefícios pessoais do que em prover o garimpeiro de direitos, garantias e vantagens que ele poderia conquistar se tivesse porta-vozes mais sinceros ou eficientes. Em três anos e meio de vida, Serra Pelada produziu 25 toneladas de ouro, o que a mina de Morro Velho — a maior do país — levaria seis anos para obter, a um custo incomparavelmente maior. Deve existir muito mais ouro ainda, ou a Docegeo não estaria empenhada em implantar uma lavra mecanizada.

Nessas circunstâncias, fica muito difícil convencer o garimpeiro a desistir de praticar um jogo viciado: alguns de seus companheiros ficaram realmente ricos e ele crê firmemente na possibilidade de chegar à mesma sorte. Raros deles, porém, serão os escolhidos: quando (e se) Serra Pelada fechar à lavra manual, os verdadeiros garimpeiros irão para outro garimpo e os lavradores premidos pela necessidade retornarão aos seus locais de origem ou peregrinarão por onde houver serviço que garanta a sobrevivência.

O antagonismo garimpagem-lavra empresarial continuará irresolvido, submerso sob uma camada de incompreensões e manipulações difícil de furar porque constituída com a massa de interesses poderosos. Ao mais elementar senso comum soa como opção perigosa a mecanização de atividades que, desenvolvidas manualmente, absorvem mão-de-obra: antes de adotá-la, é necessário realizar amplas e profundas averiguações. Mas também parecerá ao visitante mais superficial de um garimpo como Serra Pelada que aquela não é a melhor maneira de dar trabalho a seres humanos. Deve haver um meio-termo, um ponto de equilíbrio que é possível atingir, mesmo se ele requer a quebra de interesses solidificados.

Serra Pelada tanto pode parecer um milagre aurífero da natureza como a ilustração perfeita do inferno de Dante. É as duas coisas. Mas não é exatamente nenhuma delas.